

PÔSTER - GASTROENTEROLOGIA

ESQUISTOSSOMOSE NA BAHIA: ANÁLISE DOS CASOS NOTIFICADOS DE ACORDO COM O PERFIL CLÍNICO NO PERÍODO DE 2016 A 2024

Ana Louise Dos Santos Almeida Da Silva (louyseana25@gmail.com)

Julia Mello (juliacarolinalfmello@gmail.com)

Arthur Santos De Oliveira (arthurmedacademico@gmail.com)

Luana Lira Dos Santos (luanastlira@gmail.com)

Sofia Clarissa Novaes Gonçalves (scngoncalves@gmail.com)

Ana Carolina De Pinho Veloso Feitosa (carolinapinho.cv@gmail.com)

Rafael Bruno Sabino Leite Sá Barreto (rafasabarreto2001@hotmail.com)

Introdução: A esquistossomose é uma infecção helmíntica crônica e negligenciada, revelando-se um problema de saúde pública particularmente relevante em áreas de maior vulnerabilidade social nas regiões tropicais e subtropicais. Apresenta amplo espectro clínico, variando desde formas intestinais leves a apresentações hepatointestinais e hepatoesplênicas graves. Na Bahia, a doença apresenta caráter endêmico em diversas regiões. Logo, a análise dos casos notificados conforme a forma clínica é fundamental para a avaliação da gravidade da doença e planejamento de estratégias de controle. Entretanto, a incompletude de dados pode comprometer a interpretação epidemiológica. **Objetivo:** Analisar o perfil das notificações de esquistossomose segundo forma clínica no estado da Bahia entre 2016 e 2024. **Método:** Estudo descritivo e retrospectivo, com dados secundários do SINAN/DATASUS. Foram

analisados todos os casos confirmados de esquistossomose residentes na Bahia no período de 2016 a 2024 segundo a variável "forma clínica", que os classifica em: Intestinal, Hepatointestinal, Hepatoesplênica, Aguda, Outras e Ignorada/Branco. Resultados: Foram registrados 3.002 casos. A forma intestinal foi a mais frequente entre registros preenchidos (39,6%), porém observou-se elevada proporção de dados ignorados/branco (44,5%), atingindo 61,3% em 2022. A forma hepatoesplênica foi a segunda mais comum (n=130; 4,34%), seguida de outras formas clínicas (n=124; 4,13%). Conclusão: A análise revela que o controle da esquistossomose na Bahia enfrenta dois grandes desafios: a subnotificação clínica e a persistência de formas graves. A elevada incompletude do dado "forma clínica" limita a avaliação da gravidade da doença e destaca a necessidade de aprimoramento do registro das notificações. Conclui-se que, além de medidas de saneamento, é preciso melhorar a qualidade da vigilância para que a redução numérica de casos reflita uma real queda da morbidade.

Palavras-chave: esquistossomose; bahia; formas clínicas; notificações.